

**COMUNIDADE PESQUEIRA DE ARRAIAL DO CABO:
A REPRESENTAÇÃO DOS CABISTAS PELA NARRATIVA**

Manuela Chagas Manhães (UENF, UNESA e CNEC)

manuelacmanhaes@hotmail.com

Júlio Esteves (UENF)

julioesteves46@yahoo.com.br

RESUMO

Nosso questionamento inicia-se sobre a relação entre a justiça e as comunidades tradicionais na busca pelo reconhecimento social numa sociedade desigual e excludente, que traz dominações econômicas, políticas, tecnológicas e culturais no século XXI. Desse modo, nossa reflexão se volta para a realidade social e seus elementos simbólicos, na qual encontramos, na verdade, a injustiça, o conflito social e as especificidades que são vivenciados pelas sociedades tradicionais diante dos fatos e fenômenos sociais. Contudo, num movimento que tem a sociedade democrática como eixo, e por outro lado, no interior dessas comunidades onde encontramos especificidades nas relações sociais que são constituídas pelo modo de vida, e definições na narratividade, é importante refletirmos sobre o sentimento de pertencimento, e assim, a confluência de pormenores, presentes na vida cotidiana dos membros da comunidade e, que se tornam grandiosos que podem propiciar o reconhecimento social entre os mesmos, por isso, comunitário. Assim, a narrativa estaria repleta de elementos estruturais significantes que retomam o sentido da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo.

Palavras-chave:

Narrativa. Comunidade pesqueira. Elementos significantes.

1. Introdução

Quando entendemos a palavra memória, estamos afirmando que a memória permite o ordenamento do mundo antes de existirmos, ela permite que a vida coletiva seja organizada, garantindo os modos de vida através de lembranças, vivências e compartilhamento de valores, rituais, tradições. Bosi (1994, p.66) salienta que a memória dos indivíduos é dependente do processo que leva a sua constituição. Sendo assim, seria um longo processo, pelo qual há determinação do que permanece e do que significa. Entretanto, a permanência dos elementos estruturantes significativos não é do mesmo modo, ou seja, às vezes quase intactos, mas em outros momentos são alterados.

Nesse contexto, Bosi (1994) afirma que a memória é uma construção social, e como tal, tem uma importância fundamental para os

envolvidos daquele meio social. É nesse ponto, que a narrativa percorre a memória social e coletiva. Ela possibilita a definição de especificidades culturais, formadoras de seus elementos culturais, bens culturais e, porque não, patrimônios culturais das distintas comunidades que transitam entre os envolvidos por meio da narrativa. Candau (2016, p.31), então, ressalta a importância da memória social, ao afirmar que esta é composta por um conjunto de lembranças reconhecidas por um determinado grupo, em nosso caso, por uma determinada comunidade. Já a memória coletiva seria definida por lembranças comuns a um grupo, ou uma comunidade. Neste contexto, em nossa análise, compreendemos a relevância da junção do sentido de ambas, para que entendamos como tais imagens, lembranças e recortes, fatos e acontecimentos se tornam elementos significantes que integram os membros na vida social da comunidade tradicional pesqueira de Arraial do Cabo.

Entretanto, evidenciamos que a memória não permaneça inalterada, mas sim, ao longo da historicidade da comunidade, na qual há vivências e experiências sociais compartilhadas, a memória social e coletiva pode, em todos instantes, sofrer ressignificações e reinterpretações. Tais reinterpretações podem conter elementos da realidade social, mas também serão fictícias, já que há um processo de reinterpretação que percorre o imaginário social individual e coletivo, possibilitando distintas conotações, as quais são dadas pelos indivíduos envolvidos. No entanto, os elementos estruturantes significativos permitem a existência da significação e, por isso, compõem a as particularidades da comunidade, em nosso caso específico, na comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Isso se deve ao fato de tais elementos culturais serem compartilhados pela narrativa na dinâmica social, permitindo a constituição de sua representatividade e ressignificação.

2. Memória social e coletiva, narratividade e representatividade social

Beger & Luckman (1985) afirmam, que a construção social da realidade se deve a formação do indivíduo no meio em que vive, favorecida pela objetividade do que é transmitido e subjetividade pela interpretação, que, por isso, ganha uma ressignificação. É factual a influência sobre o indivíduo pelas instituições sociais como a família, a religião, a organização da vida social, econômica e política, além de aspectos da própria vida cultural. A constituição da memória social e coletiva via a narrativa torna-se, assim, vivenciada pelos membros da comunidade, existindo um

primeiro reconhecimento entre eles; a memória social e coletiva é intermediada por estas instituições. Nesse âmbito, há a constituição do elo entre os sujeitos sociais que permite que eles se reconheçam como pares, havendo o sentimento de pertencimento. Desse modo, por mais, que haja diferentes formas de interpretar e representar a própria memória individualmente há pontos de interseções, que traduzem a identidade cultural seja de resistência ou/e de projetos do próprio grupo diante de uma nova realidade social.

Contudo, salientamos que em nenhum momento acreditamos que a narrativa seja uniforme. Ela é determinada por particularidades, as quais são influenciadas pelas lembranças e ressignificações dadas pelos distintos narradores, integrantes da comunidade, e, por conseguinte, pela identidade cultural. Halbwachs (1990) no diz que a memória não permanece inalterada, na verdade, a memória não reproduz de forma simétrica a imagem do que foi vivido, do passado, assim, na verdade, a memória é uma reconstituição, uma reprodução sobre o viés de pontos de vista e por isso, também, ficcional. Dessa forma, a memória social e coletiva se constrói por meio da interseção dos sujeitos sociais ao se relacionarem uns com os outros. Isso favorece a doação de sentido na relação entre o narrador e o ouvinte; ao passado existente no consciente e inconsciente dos indivíduos; A memória parte da relação com o presente e com a necessidade de conservação de histórias, ou seja, do que é narrado.

São tais questões que permitem a redescoberta e redefinição da identidade cultural. Sendo assim, a dinâmica vivenciada possibilita que haja um acervo de detalhes do experimentado, do observado, de histórias e de lembranças das realidades sócio históricas culturais da comunidade tradicional em questão, além de permitir a constituição de suas representações alusivas a tais realidades. Tal perspectiva, no que se refere ao nosso objeto de estudo, é respaldada também em Pereira (2013) ao afirmar que:

As lendas, as crônicas e os contos que repousam nas fontes folclóricas do mundo maravilhoso e do mundo mágico em nossa terra, têm como origem a espiritualidade e a irreverência de um povo que vivia a beira mar com o sublime propósito de inserir valores literários na cultura de nossa gente (...) os contos engraçados eram passados para as pessoas da pequena colônia de pescadores de nosso quarto distrito, e seduziam, principalmente, as crianças pela forma teatral como eram narrados. Acredita-se que alguns fatos existiram, outros não passam de criações imaginárias de um povo espiritualoso e participativo da história cultural e folclórica de Arraial do Cabo. (PEREIRA, 2013, p.9)

A narrativa é um discurso e enquanto discurso demonstra sentidos entre os interlocutores. Isso significa dizer que ao usarmos a linguagem como forma de manter nossas relações dialógicas, há mais do que transmissão de informações. Segundo Orlandi (2002, p.15) a linguagem além de transmitir informações com o discurso, forma um complexo processo na constituição de sujeitos sociais e seus sentidos, nos quais há identificação de tais sujeitos, há argumentações, subjetivações e construções da realidade social. Por isso, a linguagem permite que haja relações entre os sujeitos e os significados, assim como, os seus efeitos múltiplos e variados provocados na organização social.

Para Orlandi (2002) é inegável que o tempo todo, os sujeitos sociais estejam envolvidos com a linguagem e as possibilidades de interpretações. Isso se deve ao fato da narrativa trazer em seu bojo objetos simbólicos que podem ser interpretados, ganhando sentido e representações no meio social. Nesse sentido, a linguagem traz consigo uma fluidez, um movimento de sentidos, diversidades e unidades, vestígios, trajetões, lembranças. Seja como for, estes movimentos representam o próprio ritual da palavra nas relações sociais, a qual compõe a capacidade do ser humano significar e significar-se. Nas palavras de Orlandi (2002, p. 15): “o trabalho simbólico do discurso está a base da produção da existência humana”.

Nesse contexto Bosi (1994, p. 84-5), partindo dos pressupostos de Walter Benjamin, analisa o ato de narrar. Sua reflexão ressalta que haveria dois tipos de narradores. O primeiro seria aquele que “vem de fora e narra suas viagens” (84). O segundo seria aquele que permanecer no seu lugar, na sua terra, ou seja, “conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita” (p.84). Assim, para Bosi (1994) o narrador, vence a distância em distintos espaços, está no cotidiano, não apenas nos livros. Nas palavras de Bosi (1994, p.85): “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narrar da própria experiência e a transforma em experiências dos que o escutam”.

É neste aspecto que compreendemos as possibilidades de interpretações, de (re) significações e da constituição da memória social e coletiva pela relação dialógica. Candau (2016, p.70-1) afirma que ao relacionarmos a memória e a constituição da narrativa, encontramos uma reorganização, uma articulação no fato de contar história. Tal articulação é baseada num processo de criação e interpretação, o qual parte do processo mnemônico. Assim, nos remetemos ao redimensionamento da própria memória social, coletiva e individual nessa comunidade tradicional de pesca. Nessa redefinição a comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo estaria

realizando a articulação pela criação mnemônica. Logo, quando há o redimensionamento da própria memória social e coletiva, em que há a “apropriação do passado” há a essência da história, pois o narrador retoma aos fragmentados contados e definidores da memória social e coletiva, estando, aparentemente, ordenando tais fatos e elementos simbólicos com suas reinterpretações. Isso significa dizer que o narrador unifica os fatos e os torna coerente.

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado o que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos (...) o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, suas experiências, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz (CANDAUI, 2016, p. 70-1)

Nesse aspecto, encontramos os fatos ocorridos a partir da percepção, que são julgados como significativos no momento em que acontece a narrativa e a relação dialógica entre o narrador e o ouvinte. É nessa relação que intermedia a interação social que é possível vislumbrarmos a interpretação e a ressignificação dos elementos estruturantes significativos, compondo a historicidade de uma comunidade, assim como, sua identidade cultural. Nessa relação a narrativa sofre a ressignificação, que pode enfraquecer ou fortalecer o sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade. Em outras palavras, a memória social e coletiva apenas mantém-se forte quando as identidades culturais permanecem fortes. E ainda que sejam modificadas, há as representações identitárias nas imagens refletidas na linguagem, que ordenam e refazem o mundo da comunidade, permitindo a autodefinição (ou autoidentificação). Portanto, nas palavras de Candau (2016):

(...) restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, sublimações, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações, reinterpretaciones constituem a trama desse ato da memória que é excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa (...) ele oferecerá, portanto, uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela posição que ele próprio ocupa nesse presente. (CANDAUI (2016, p. 71)

É nesse aspecto que percebemos a importância da memória social e coletiva para a construção da identidade cultural e, conseqüentemente,

da realidade social da comunidade pesqueira cabista. Nessa realidade vivenciada, cada sujeito social se torna um narrador. Seriam versões de histórias rememoradas e interpretadas. Estas são de suma relevância para que os sujeitos sociais possam garantir a existência de seus elementos estruturantes significativos e do que isso simboliza no seu mundo. Tais elementos permitem a coesão do grupo por meio do que seria rememorar, convergindo para o sentido da existência da memória social e da memória coletiva. Por conseguinte, Candau (2016) salienta que a constituição da memória nunca é puramente individual, pois existe algo definidor que é o meio social, o qual incorpora os sistemas simbólicos comuns ao grupo. Dessa forma Candau (2016, p. 77) afirma que: “A forma do relato, que específica o ato de rememoração se ajusta imediatamente às condições coletivas de sua expressão, o sentimento do passado se modifica em função da sociedade”.

Nesse contexto Prado (2002, p. 127) afirma que a palavra tradicional na comunidade de pesca cabista assume o significado de pertencimento a uma identidade que se orgulha do seu passado histórico. Desse modo, é muito comum, no dia-a-dia encontrar entre os membros dessa comunidade a constituição de uma memória que traz o orgulho de sua historicidade e suas belezas naturais e dos saberes acumulados no ofício da pesca. Nas suas narrativas encontramos presentes a memória hábitos e memória lembrança articulando o seu modo de vida. Para estes sujeitos sociais saber nomes, apelidos, saberes e transmitir suas histórias, e assim, seus mitos, lendas, valores, tradições seria conjugar o sentido de ser cabista com denominadores comuns recheados de elementos culturais.

Isto significa dizer que há a evocação⁴⁴ de fatos narrados, de maneira que, há comunicação entre os membros da comunidade. Salientamos que por mais que haja a articulação das relações sociais ainda orientadas por aquela memória individual, as distintas memórias (memórias individuais) partem de um quadro social. Segundo Halbwachs (1990) esses quadros sociais são tão invisíveis quanto o ar que respiramos, e por isso, se fazem presentes na vida cotidiana de todos os membros pertencentes ao grupo, a comunidade. Assim sendo, há um quadro social que é compartilhado pelos membros, o que permite as condições da abertura recíproca entre os envolvidos, a interrelação, e, portanto, a confluência entre as

⁴⁴Evocação, segundo Maurice Bloch (*Apud* CANDAU, 2016, p. 49), implica em uma comunicação com o outro, e no curso desse processo, a lembrança individual, sem cessar, submetida às transformações e reformulações, perde seu caráter isolado, independente e individual.

memórias. Esta é eixo norteador para a constituição da memória social e coletiva, a qual está presente no processo de socialização, possibilitando o reconhecimento social na dimensão comunitária por meio da cultura como um grande contexto.

Por isso, encontraremos particularidades que são refletidas entre os pares no seu cotidiano, nas histórias contadas e recontadas. Desse modo, as identidades culturais – como foram ditas no segundo capítulo – representam, na verdade, uma maneira da comunidade resistir ao modelo homogenizador e dominante imposto pela sociedade (CASTELLS, 1999). Elas são estruturadas pelas particularidades da comunidade tradicional e, de certa maneira, fomentam a organização da consciência coletiva, quando há o reconhecimento social na dimensão comunitária e, assim autoidentificação. Há, então, uma perspectiva que pode definir a identidade de resistência e de projetos na e para a comunidade, o que colabora para que haja o sentido de justiça social.

3. A narrativa de Arraial do Cabo “seus contos e encantos”

Por escolher essa comunidade tradicional pesqueira, utilizaremos como fonte de análise o livro: *Arraial do Cabo seus Contos e seus encantos*, organizado e documentado por Wilnes Martins Pereira. Tal livro foi o resultado de um trabalho etnográfico de coletar de informações, de histórias orais organizadas pelo autor. Desse modo, esse livro realmente é uma fonte grandiosa de elementos estruturantes significativos na construção da memória social e coletiva e da identidade cultural da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Por isso selecionamos alguns contos.

Nos contos percebemos a possibilidade de compreensão da própria experiência da realidade narrada por diferentes interlocutores. Nessa relação dialógica, entre os membros da comunidade, há um grande acervo cultural que passeia nessas histórias, recontando o seu modo de vida, e por isso um bem cultural. As torna, então, além de ficções por percorrer o imaginário social, uma fonte de elementos definidores do modo de vida, de vivências e memória social e coletiva, reafirmando os elementos materiais e imateriais, bens culturais, e a constituição do sentido do patrimônio cultural dessa comunidade e da sua identidade cultural.

Segundo Azevedo e Júnior (2012), as diversas linguagens colaboram para revestir o espírito dos que com ela se relacionam. Desse modo ao compartilhar a linguagem por meio de distintas narrativas as interlocuções

constituem sentidos e significados, possibilitando a continuidade de representações, apreensão de valores, e assim, de patrimônio. Tais valores se exteriorizam nas ações dos indivíduos, membros da comunidade, determinando o que o indivíduo pode ou não fazer. Por conseguinte percebe-se a associação existente a idéia de patrimônio cultural a própria concepção de cultura como algo inteligível, com apropriação daqueles sentidos objetiva e subjetivamente definidos no meio social em questão.

Desse modo, por meio dessas narrativas entendemos que a sua importância, converge com a nossa reflexão sobre a existência do reconhecimento social na dimensão comunitária e sua relação com a cultura como contexto. Em outras palavras, em tais narrativas há a cultura como contexto, particularizada pelas especificidades vivenciadas no processo de socialização, mantendo o sentido do que forma os cabistas. Isso significa dizer que as narrativas possibilitam a compreensão dos elementos significativos desta comunidade, que são compactuados e compartilhados entre seus membros por meio da interlocução. Portanto, a cultura vista no contexto social, no qual são vivenciados tais elementos significativos, pode permitir o fortalecimento do sentimento de pertencimento e, consequentemente, do que Honneth (2009) definiu como reconhecimento social comunitário entre os membros da comunidade tradicional pesqueira de Arraial do Cabo.

Em outras palavras, encontramos nos contos organizados por Pereira (2013), de maneira geral, tradições, costumes, crenças. Há uma edificação do torna-se humano sobre diferentes prismas e que são fundamentos universais para o sentido amplo de diversidade cultural. Podemos dizer que é um patrimônio imaterial que permite aos sujeitos sociais conhecerem e se reconhecerem. Assim, em tais contos, que foram “remontados” por Wilnes Martins Pereira, há uma narrativa que provoca o imaginário e trazem uma espécie de visão de mundo, de estar no mundo, o qual os interlocutores dessa comunidade se sentem pertencentes. A narrativa permite a escuta compartilhada, de maneira objetiva entrelaçada as questões subjetivas a qual permeia o processo ficcional por estar presente no imaginário social e ao mesmo tempo traz elementos da realidade social. É uma escrita repleta de achados e perdidos que passeiam na memória social e coletiva. Movediça por ser traidora de si mesma e inteira por ser imperfeita na realidade, e por isso autenticada pelos membros da comunidade de Arraial do Cabo.

4. Análise de “shandri-lá”

Segundo Benjamin (1987, p.210) o cronista é o narrador da história. Concordamos com o autor ao afirmar que o narrador mantém sua fidelidade a época, ao seu olhar sobre os fatos contados, reinventados, reinterpretados. Por isso, uma história recontada não será a mesma, passa pela intersubjetividade, influenciada pelos valores, pela socialização, pelo tempo que refugiam a formação do indivíduo. Mas, para que a narrativa mantenha-se viva, há uma relação ingênua entre o ouvinte e o narrador a qual é dominada pelo interesse de conservar o que foi narrado. “Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade de reprodução” (210).

O que isso significa? Segundo o autor (1987), o narrador tem suas raízes no povo, na sua comunidade, é um artesanato de palavras, que tem a musa da reminiscência, inspirando a formação da memória. O narrador é capaz de provocar o sentido de vida e moral da história passada de geração à geração. Nas palavras de Benjamin (1987, p. 214): “Em suma, independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos”.

Logo, nos questionamos como o narrador favorece para que tenhamos representatividade e não-representatividade na narrativa. Isso acontece por existir um hibridismo nas histórias com a rememoração e as possíveis ressignificações. Assim, encontramos a ressignificação nas histórias cabistas, passadas de geração em geração. Estas são construídas por elementos significantes que compõem a própria vida social, principalmente, quando pensamos na historicidade dessa vila de pescadores, que é retratada nas narrativas. Os fatos descritos são compartilhados ganham um novo leque de sensações e emoções quando construídos e captados pelo narrador. Tais fatos, lendas e estórias estão voltados para evocação de um referencial: elementos culturais da realidade social cabista.

Nesse aspecto, Prado (2002) afirma que:

Assim, quando conjugada com a palavra cabista, a palavra tradicional assume o significado de pertencimento a uma identidade que se orgulha de seu passado histórico; de ser descendente de uma imigração que remota o descobrimento; de pioneiros que desde o século XVI chegaram à terra dos Tupinambás para se assenhorar e criar a primeira feitoria de pau-brasil, que acabou ficando, simplesmente, Brasil. Significa também sorrir vaidoso das belezas naturais de sua terra natal; saber contar naufrágios e casos de pirataria; conhecer os fantasmas da restinga por seus nomes; saber sobre as imagens das santas das igrejas e da organização de suas festas anuais; é

saber fazer renda de bilros e identificar uma planta que pode ser tomada para libertar deste ou daquele mal físico; é ter comido pirão de peixe em panela de barro, cozido no fogão de lenha; é ter iluminado suas noites com lampião, em casinhas de pau-a-pique (...) é ter o sobrenome do próprio padrinho ou do padrinho do pai, é ser chamado no mínimo por um apelido e, ao rechaçar alguém, de preferência usar a via da acusação: “você tem o pé na Prainha”. Quando conjugada à palavra pescador, a palavra tradição já adquire outro significado, já não esboça nenhuma relação com a terra, mas apenas com o mar e com o ofício de quem vive de enfrentá-lo (...) ser pescador é exercer uma atividade tradicional à medida que foi a primeira profissão que os imigrantes tiveram, ou que puderam ter, por conta do isolamento em que viviam. Não há como se manter estática uma tradição, aliás, sabemos disso, quando abrimos mão do absurdo “um” pelo humano “múltiplo”, encontrado na diversidade cultural (...) a tradição muda, mesmo que seja imã da permanência, que neste caso representa o registrado, o transmitido, que se faz distinto entre os nativos mais velhos e os mais jovens. (PRADO, 2002, p. 127)

Mas este conto toma forma na realidade social da comunidade cabista por envolver o cerne dessa comunidade: os pescadores e sua natureza relacional. Os pescadores, ou melhor, o exercício da pesca artesanal e o que o envolve (universos simbólicos, territorialidade e instrumentos) são a base da identidade cultural, e por isso, alimentam a memória social e coletiva.

Assim sendo, essa interlocução entre os membros da comunidade permite que tais elementos sejam descritos, narrados, e conseqüentemente, possam ser compartilhados, favorecendo o autoidentificação do membro da comunidade, o que possibilita a constituição do respeito e autorrespeito, por comungarem tais elementos. Ou seja, a narrativa é socializadora e, por isso, formadora e mantenedora da memória social e coletiva. Por mais que seja ressignificada, redefinida a narrativa ao trazer elementos estruturantes significativos, favorece para que os atores sociais se percebam como membro da comunidade e percebam os demais membros como pares, iguais na comunidade. É desse modo, que compreendemos a relação direta que existe entre tais contos narrados, história e lendas contadas e recontadas como um dos pilares fundamentais da socialização dos membros dessa comunidade. Tais histórias se transformaram em experiências de vida na comunidade. Isso possibilita para a comunidade o reconhecimento social na dimensão comunitária, ultrapassando os conflitos, permitindo a construção de sua a identidade cultural de resistência e de projetos.

É inegável que, por meio da existência de tais narrativas, haja a redescoberta dessa comunidade tradicional pesqueira. Isso se deve ao fato das narrativas serem fontes de conhecimento que incorporam um sentido

amplo dos aspectos culturais. Por outro lado, compreendemos que tais narrativas demonstram particularidades culturais da pequena vila de pescadores artesanais de Arraial do Cabo. É perceptível que enquanto comunidades tradicionais as especificidades encontradas em suas histórias representam o seu modo de vida, se diferenciando das outras comunidades tradicionais e grupos sociais.

Nesse conto intitulado como Shangri-lá existe um evento, que é descrito por pormenores, definidores da representação dos perigos que os pescadores sofreram ao descrever um evento traumático. Assim, para os membros daquela comunidade, a história narrada torna-se real, dissolvendo a fronteira entre o passado e presente, sendo rememorado pelas diferentes gerações. Ao ser compartilhado pela definida “escuta compartilhada”, traz o sujeito, o ouvinte, o leitor para dentro do evento narrado provocando suas emoções, interpretações e suas significações. Isso é mais evidente quando tal evento, parte da memória social e coletiva vinculadora do grupo, da comunidade, incluindo assim, a dimensão participativa no ato de narrar.

É nesse aspecto, que entendemos a particularidade presente no conto “Shangri-lá”. Tal conto “narrado” por diferentes indivíduos tem sido uma das histórias contadas e recontadas entre as gerações. Foi mantendo-se viva pela oralidade articulada na relação direta entre os membros da comunidade cabista. Assim, em “Shangri-lá”, especificamente, encontramos quando remontada e escrita por Pereira (1983) elementos culturais materiais e imateriais, com uma grande riqueza de detalhes descritivos em torno do evento traumático.

Em tais histórias narradas, de maneira geral, além daqueles elementos significantes, há uma margem para diferentes simbologias que percorrem a socialização e provocam distintas conotações. Em “Shangri-lá”, por exemplo, há uma relação entre as lembranças doídas e sofrimentos causados a vila dos pescadores ao evento descrito como histórico. Esse conto é desenvolvido em torno de um evento traumático para a comunidade e, hoje, narrado como:

Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao Shangri-lá. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas. (PEREIRA, 2013, p. 130).

Partindo dos pressupostos teóricos de Benjamim (1983) entendemos que há uma relação entre narrador e sua matéria (a história), que, seria

a própria vida humana, sendo não só uma relação artesanal de elementos trazidos da experiência, mas de detalhes descritivos da realidade sociocultural e histórica (em nosso caso) e vividos por outros em outro tempo. Entretanto, tal evento traumático descrito nas interações sociais da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo remota ao presente emoções e percepções com a narrativa do que teria sido o bombardeio (evento traumático) ao barco pesqueiro denominado “Shangri-lá”:

“Shangri-lá”

“Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao Shangri-lá. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas.

O barco São Martinho, também denominado Shangri-lá, tripulado por dez pescadores, deixou o porto de Arraial do Cabo em uma tarde de junho de 1943.

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas a procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza.

O mundo estava em guerra e a Marinha do Brasil provia algumas embarcações com rádio transmissor e um livro ilustrado com bandeiras de todos os países; a ordem para qualquer embarcação, navio ou avião de guerra estrangeiro, visto em águas ou espaços do territorial brasileiro, emitir, de imediato, mensagem para terra, em uma frequência que o aparelho dispunha.

Certa noite, por volta de vinte e uma horas, surgiu, como por encanto, um barco de guerra que os tripulantes do Shangri-lá não sabiam distinguir sua nacionalidade. Era um submarino alemão identificado com as iniciais U-199, considerado o maior e mais moderno navio de guerra da frota de Hitler – “informações contidas nos anais da segunda guerra, segundo relatos da Marinha”.

O barco de pesca semi-iluminado por um candeio era assediado pelo submarino que fazia várias manobras com um canhão de 105 mm de um mero exercício de tiro ao alvo para testar o poder bélico dessa poderosa arma.

O mestre do Shangri-lá impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo do pesqueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca.

Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna.

As claras águas do mar, por razões maternais, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida as praias de Arraial do Cabo. Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como HERÓIS DE GUERRA.” (PEREIRA, 2013, p.130-132)”.

O narrador ao contar a história do barco pesqueiro São Martinho se volta para o acontecimento vivido pela comunidade, que embora, não tivesse, no barco, deixa subentendido as conseqüências desse bombardeio, doando sentido, emoções e representações para aquela comunidade. Isso possibilita que identifiquemos na narração de histórias como essa, a utilização da oralidade, numa perspectiva memorística. Isso se evidencia quando detalhes como: “os destroços do pequeno barco retornaram as praias em Arraial do Cabo”. Portanto, os destroços possibilitaram que os membros da comunidade naquela época tivessem ciência do que tinha acontecido. Isso favoreceu que houvesse uma relação entre as gerações no ato de “contar a história” de Shangri-lá. Isso ganha proporções enormes na comunidade por ser um evento traumático vivenciado por aquela comunidade na Segunda Guerra Mundial. Comunidade que viva isolada geográfica e socialmente. Logo, a narrativa fomentará a constituição da memória social e coletiva por narrar tal “história”, mantendo-se viva com a ressignificação da memória social e coletiva.

As claras águas do mar, por razões maternais, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida as praias de Arraial do Cabo. (PEREIRA, 2013, p. 132)

Hoje, com a documentação e organização de tais histórias por Pereira (2013), podemos perceber o que o conto Shangri-lá, especificamente, provoca nessa comunidade. Por ser um evento traumático faz face às recordações vivenciadas por outras gerações, e que sobreviveu ao tempo, por constituir parte da memória social e coletiva. Agora, com o registro, não mais composta apenas pela oralidade o evento narrado permite uma reinterpretção, ressignificação. Há uma estreita ligação entre narrador e leitor, embora, seja um movimento solitário vivenciado pelo leitor, ao realizar uma introspecção sobre o evento traumático.

O mestre do Shangri-lá impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo

do pesqueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca. (PEREIRA, 2013, p. 130-1).

Nesse âmbito, ao analisarmos os contos confirmamos nossa hipótese de que a narrativa é socializadora para quem a compartilha no dia a dia. Para, além disso, consideramos a narrativa como um instrumento revelador de uma cultura, pois ela possibilita conhecer os elementos culturais que se edificam como contexto, que são vivenciados pelos membros da comunidade. Desse modo, o detalhamento dos saberes produzidos ao longo da historicidade dessa comunidade, desde sua formação até a atualidade, permite que encontremos na constituição da herança cultural as tradições e os costumes. Há particularidades da identidade cultural da pequena vila de pescadores cabista. Por exemplo, evidenciamos a percepção desenvolvida pelo pescador dessa região sobre o meio ambiente, como podemos observar: “E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com mãe natureza” (“Shangri-lá”).

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas a procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Por meio das narrativas há concepção do que é ser pescador e como tais saberes permitem práticas cotidianas ultrapassam o aspecto objetivo da pesca, ganhando um sentido subjetivo do que é ser pescador para essa comunidade de pesca artesanal, constituindo a identidade cultural coletiva. Saber o que significa os ventos, as luas, as tonalidades de azuis de suas águas, as marés, da mesma forma, os tipos de pescado, representam um conhecimento vivenciado que forma um legado para as próximas gerações. Tal saber é perceptível no trecho: “Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul” (“Shangri-lá”). Por isso, a memória social e coletiva é tão relevante para a sobrevivência do modo de vida da pesca artesanal nessa comunidade.

Dessa forma, a narrativa enquanto linguagem possibilita que as relações dialógicas sejam constantes na formação dos indivíduos que vivem na comunidade. Assim sendo, através da narrativa há a relação dialógica constante com a multidão de vozes, a qual também modela, coloreia e recheia a memória, construindo as subjetividades, nutrindo o mundo com

um rico acervo de significações, como, por exemplo, encontramos em “Shandri-lá”.

Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna. (PEREIRA, 2013, p.130)

Nessa narrativa mantiveram-se vivas determinadas lembranças que remontam a memória social e coletiva. Entretanto, o que existe são retalhos de histórias, e por isso, retalhos de narrativas que descrevem os fatos que alimentam as subjetividades e rememorações. Desse modo, em tais narrativas compreendemos pormenores que estruturam um modo de vida, que tem elementos estruturantes significativos, que permitem que seus membros se reconheçam entre si. Tal reconhecimento, só é possível, devido às narrativas serem “recheadas” de significações que são dadas por aqueles que as compartilham. Na vila de pescadores cabista materializou-se eventos, como esse descrito em “Shangri-lá”, um evento traumático.

Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como HERÓIS DE GUERRA. (PEREIRA, 2013, p.132)

Assim sendo, a narrativa provoca o imaginário e significações para quem o conhece e desemboca na realidade da comunidade cabista, deixando a emoção, o suspense fluir. Do mesmo modo suas recordações e lembranças são redefinidas na memória social e coletiva a qual, como já dissemos, constitui representações e subjetividades da historicidade cabista entre elas, o bombardeio ao barco São Martinho na Segunda Grande Guerra Mundial.

5. Conclusão

No processo seletivo buscamos a compreensão da conexão entre representações do contexto sócio culturais e o seu isolamento social geográfico, os elementos estruturantes significativos e particularidades narradas entre os membros da comunidade, entendendo a importância da relação da territorialidade, meio ambiente e o sentido de comunidade tradicional; o desenvolvimento da pesca artesanal e sua definição; e as vivências

experimentadas no cotidiano com determinação de funções e saberes, além das lendas com caráter mágico e ficcional construídas na vila de pescadores. Entendemos, então, que esse livro é uma fonte de informação sobre a comunidade tradicional pesqueira de Arraial do Cabo. Assim sendo, podemos compreender como o aprendizado informal construído historicamente demonstra a relação do conhecimento espontâneo que traz os seus saberes, sabores, valores, divisão de papéis sociais e racismo local mediante a formação étnica da comunidade cabista.

Na entrelinhas há interpretações e ressignificações, que provocam sensações e percepções nos envolvidos na relação dialógica. Desse modo a história é recontada, reinterpretada, reinventando a comunidade cabista. Nas narrativas, além da escuta compartilhada, desvela-se os elementos da tradição misturadas a realidade da vida social. Esta vem sendo preenchida por uma cultura referida às concepções da natureza, da pesca e suas funções, de um universo relacional, compondo um conjunto de práticas sociais dotadas de sentidos que são transmitidas pela linguagem. Hoje, com a organização de suas histórias transmitidas pela história oral, possibilitou a construção dos contos num livro. Isso permite ao leitor, a buscar a moral da história, deixando um suspense apreensivo, da mesma forma que permite a relação dialógica entre os envolvidos quando narrados.

Desse modo, nesse conto percebemos a possibilidade de compreensão da própria experiência da realidade narrada por diferentes interlocutores. Nessa relação dialógica, entre os membros da comunidade, há um grande acervo cultural que passeia nessas histórias, recontando o seu modo de vida, e por isso um bem cultural. As torna, então, além de ficções por percorrer o imaginário social, uma fonte de elementos definidores do modo de vida, de vivências e memória social e coletiva, reafirmando os elementos materiais e imateriais, bens culturais, e a constituição do sentido do patrimônio cultural dessa comunidade e da sua identidade cultural.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, Nilo Lima de; JUNIOR, Wilson Coury Jabour (Org). *Reflexões e olhares: o patrimônio cultural de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Funalta, 2012. p. 17-42

BEGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 22. ed. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

- BENJAMIM, Walter. *Magia, técnica e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade* – lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Joël. *Memória e indetidade*. 1. ed. SP: Contexto, 2016.
- DURKHEIM, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, 1995.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: *História da Educação*. AS-PHE/FaE/UFPeL, Pelotas, n. 8, set, 2000. p. 141-4
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Volume II. Lisboa: Edições 70, 2000.
- MALUFF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentidos. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, dez. 1999. p. 69-82
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e Procedimentos*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- PEREIRA, Wilnes Martins. *Arraial do Cabo seus contos e seus encantos*. Rio de Janeiro: Hoffmann, 2013.
- PRADO, S. M. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo-RJ*. Niterói: EDUFF, 2002.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. (Enfoques, Letras)